

● Vale do Javari ● Investigação

Líderes indígenas recorrem a escolta em área de buscas de desaparecidos

— Seguranças particulares protegem ativistas que estão na mira do crime organizado; na delegacia que investiga o sumiço de indigenista e jornalista nem o rádio funciona

VINICIUS VALFRE
ENVIADO ESPECIAL
ATALAIA DO NORTE (AM)

Toda vez que dois indígenas se deslocam pela pequena Atalaia do Norte, no extremo oeste do Amazonas, um protocolo de segurança é acionado. Uma escolta os acompanha à frente e dá retaguarda a eles para oferecer resistência contra possíveis atentados patrocinados por quadrilhas com atuação no Vale do Javari, na tríplice fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia. Os irmãos Beto e Eliesio Marubo são marcados para morrer. Líderes indígenas, eles estão na mesma lista de inimigos do crime organizado da Amazônia em que figura o indigenista Bruno Pereira, desaparecido desde domingo, no Alto Solimões.

Seis dias depois, ainda não se sabe o paradeiro de nem do jornalista inglês Dom Phillips. Na cidade, a apreensão se mistura a queixas de falta de empenho nas buscas. Um efetivo de 250 homens da Marinha, do Exército e das polícias Federal, Civil e Bombeiros atua no resgate.

À margem direita do Rio Javari, Atalaia do Norte convive com a intensa movimentação de traficantes de drogas e de exploradores. Trata-se de um “ponto-cego” do poder público dos dois lados da fronteira com o Peru, que acaba sendo usado como rota de escoamento do crime. Na única delegacia, nem os rádios comunicadores funcionam e os quatro investigadores se dedicam a crimes de menor potencial ofensivo. É nessa instalação que está o delegado que preside o inquérito e onde também se encontra um dos suspeitos de ligação com o desaparecimento de Pereira e Phillips.

A proteção dos líderes Marubo conta com seguranças particulares, à paisana, e com uma rede de informantes. Até uma empresa de segurança privada foi contratada pelos indígenas para levantar informações e emitir relatórios sobre novas ameaças. “Se não tivermos todas as precauções, pode acontecer o que aconteceu com o Maxciel Pereira (colaborador da Funai assassinado em 2019 na avenida principal de Tabatinga)”, diz Beto, conhecido mundialmente pelo trabalho de preservação do Javari. “Temos parcerias



Líderes indígenas Eliesio e Beto Marubo, em Atalaia do Norte, no extremo oeste do Amazonas; marcados para morrer pelo crime organizado



Forças de segurança vasculham Rio Itaquai, em Atalaia do Norte

com algumas empresas de segurança e com a própria polícia, então temos uma rede de apoio e a gente faz triangulação de informações”, destaca Eliesio, que é advogado.

Os dois lideram a União das Organizações Indígenas do Vale do Javari (Univaja), região com a maior concentração de povos isolados no mundo. A entidade representa todas as etnias da área e busca compensar as lacunas deixadas pela Fundação Nacional do Índio (Funai).

A preocupação com a segurança dos integrantes da Univaja sempre existiu. Com o desaparecimento de Pereira, a proteção precisou ser reforçada. Um bilhete apócrifo foi endereçado há algumas semanas à organização com ameaças tanto ao indigenista quanto a Beto e Eliesio.



Pereira desapareceu enquanto coordenava um trabalho de formação de equipes indígenas de vigilância para a Univaja, após sofrer retalia-

ções e pedir uma licença da Funai. A capacitação envolvia treinar nativos não alfabetizados em português para manusear drones, ler mapas e operar aparelhos GPS para registrar a movimentação de criminosos em terras protegidas.

O trabalho vinha gerando informações qualificadas às autoridades federais sobre a movimentação do crime no Javari. “Toneladas de caça e de pesca são retiradas do Vale do Javari todo ano. São recursos vitais para os irmãos isolados que vivem ali”, conta Beto.

BUSCAS. O dia de ontem foi marcado por movimentação de militares no Rio Itaquai para checar possíveis pistas sobre o paradeiro dos desaparecidos. Mergulhadores foram acionados para conferir informações que poderiam levar à localização da lancha usada por Pereira e Phillips. Não houve avanços.

Até agora, o pescador Amárido Costa de Oliveira, de 41 anos, apelidado de “Pelado”, é o único suspeito e está preso. Os órgãos de investigação trabalham com a hipótese de que ele tenha agido a mando de um traficante de drogas conhecido por ter posses e entrepostos na região de Atalaia do Norte.

Após a Polícia Federal achar “material orgânico aparentemente humano” perto do rio, as famílias de Pereira e

Phillips foram chamadas para oferecer materiais genéticos para verificação.

Os nativos se dispuseram a orientar militares que não são do Javari, mas foram dispensados. Segundo o comandante dos trabalhos da Marinha, são 19 militares em três embarcações que estão se orientando com a ajuda de ribeirinhos. “Estamos checando todas as pistas que podem nos ajudar com o paradeiro, mas ainda não temos algo concreto”, disse o comandante Ricardo Sampaio, da Capitania dos Portos de Tabatinga.

COMANDO. O grupo tático da PF, homens do Exército e da Polícia Militar participam das buscas. Não há um comando único em Atalaia do Norte. As operações são coordenadas pela Polícia Federal em Manaus, a cerca de 1 mil quilômetros do local do desaparecimento.

Todas as etnias do Javari têm ao menos um representante percorrendo rios e igarapés em busca de vestígios de Pereira, numa investida paralela às das autoridades federais. O indigenista é considerado pelos indígenas como um amigo. Criou laços com os nativos percorrendo aldeias e acumulando desavenças com traficantes e exploradores porque fazia o seu papel, como servidor da Funai, de confiscar produtos extraídos legalmente de territórios preservados. ●

WILTON JUNIOR/ESTADÃO

WILTON JUNIOR/ESTADÃO

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 10 e 11